DIA UM
SEXTA-FEIRA
18 DE MARÇO

1

Ainda não desapertei propriamente o cinto de segurança, mas estou quase lá. Obviamente. Só estou à espera de que o meu cérebro pare de fingir que estou a ser entrevistada num programa de televisão, em frente a uma audiência vagamente hostil e em direto num estúdio.

Imogen, é verdade que é a primeira vez que visitas a Lili no campus*, apesar de ela ser uma das tuas duas (2) melhores amigas, de te ter convidado quinhentas mil vezes, e de a Faculdade Blackwell ser tão perto da tua casa que passaste literalmente por lá no fim de semana passado, quando ias para Wegmans?*

A Gretchen, no lugar do condutor, levanta as sobrancelhas.

— Queres que fiquemos por um bocado?

— Ou mais do que um bocado — acrescenta a Edith, e viro-me para olhar para ela. Tem o cinto posto, pernas cruzadas, casaco de ganga estendido no colo como um cobertor. Olhos azuis brilhantes e caracóis despenteados pelo vento. O meu cabelo é dois tons mais escuro e um pouco mais liso, mas, além disso, somos quase idênticas. Toda a gente pensa assim.

O Otávio vai no banco de trás, a jogar no telemóvel. O *campus* não é uma novidade para ele — vem cá muitas vezes com os pais, até mesmo só para levar a Lili e os amigos a jantar fora. Mas, desta vez, veio apenas acompanhar-me. Sou a única que vai ficar.

Durante três noites. Aproximadamente sessenta e cinco horas. Não que esteja a contá-las.

— Estou bem. — Faço-lhes um sorriso. — Não quero que sejas apanhada na hora de ponta.

— Estou-me nas tintas para a hora de ponta — diz a Gretchen.

Sei que ela está a falar a sério. Não contei à Gretchen que os meus pais iam precisar dos dois carros este fim de semana. Ela apanhou-me a ver o horário dos autocarros da Yates Transit e veio em meu auxílio. Digam o que quiserem da Gretchen Patterson, é sempre uma amiga que larga tudo para me ajudar.

— Não acredito que vais conhecer os amigos *queer* da Lili. — A Edith olha pela janela, enche as bochechas de ar e suspira. — Eu quero amigos *queer*.

A Gretchen pestaneja.

— Hum. Olá?

— Sim, mas tu és mais uma mentora — contrapõe a Edith.

Inspiro.

— Está bem, vou enviar uma mensagem à Lili.

— Tens a *certeza* de que não queres…

— Sim!

A Edith bate palmas.

— Olha só para ti. Uma loba solitária, a fazer jus à reputação de durona.

Pronto, agora estou a tentar imaginar um universo alternativo em que a minha reputação esteja perto de ser durona. Ou seja, vamos metê-lo a negrito por um minuto. **Imogen Scott: A durona.** Enquanto conceito, quase nem faz sentido. Eu sou o tipo de pessoa que tem um advérbio favorito (é *obviamente*, obviamente).

A Edith, por outro lado…

Quero dizer, as nossas fotografias em bebé contam a história. Como a do celeiro da Feira do Condado de Yates, onde apareço ao lado de um sinal em maiúsculas que diz: POR FAVOR NÃO TOCAR NO BURRO!!!!!

A Edith está a um canto da fotografia, a fazer festas ao burro.

Ou aquela em que estou com um cavalete, a pintar cuidadosamente uma risca azul para imitar o céu. A Edith está agachada ao meu lado, de fralda, com o peito coberto por marcas verdes em forma de mãos pequeninas. E, claro, temos uma série delas do meu sétimo aniversário, em que a Edith está literalmente vestida como o Jason do *Sexta-Feira 13*.

Para ser justa, eu faço anos no Dia das Bruxas. No entanto…

Era meio-dia. E ela tinha cinco anos.

Ela salta do banco de trás, assim que abro a porta do passageiro — como se o Otávio Cardoso, um ursinho de peluche certificado, fosse lutar com ela pelo lugar. Mas em vez de ir para a frente, segue-me até à bagageira do carro da Gretchen.

— Immy, ouve-me. Como tua irmã mais velha…

— Isso está factualmente incorreto…

— Cronologicamente? Claro que sim — diz ela. — Mas espiritualmente? Esteticamente?

De facto, a Edith é uma Amy March dos tempos modernos. Enquanto eu me enquadro na categoria de «Quer ser a Jo», mas «Na verdade, é a Meg».

— Só estou a dizer que o objetivo da faculdade…

— De acordo contigo, uma caloira do secundário.

— *O objetivo da faculdade* — repete ela — é dar-te uma oportunidade para saíres da tua zona de conforto. Pensei muito sobre isto e… Immy, acho que devias deixar de usar fio dentário durante o fim de semana.

— O objetivo da faculdade… é deixar de usar fio dentário?

— Exatamente.

Tiro a mala da bagageira da Gretchen e fecho a porta.

— Vou tê-lo em consideração.

— Além disso, acho que devias pregar algumas partidas pelo *campus*.

— Hum.

— São as férias da Páscoa! Na faculdade! Com pessoas *queer* e fixes!

— Sabes que existem pessoas *queer* em Penn Yan, certo? Um clube inteiro delas. — Inclino as mãos para cima. — Podias tentar… não sei… ir a uma das reuniões, um dia destes?

Ela abana a cabeça.

— Não posso ir às terças-feiras.

Às terças-feiras, a Edith tem encontros pelo Zoom com a namorada. E em dias além das terças-feiras. No entanto, mesmo antes da Zora, conseguia sempre encontrar uma razão para evitar a Aliança do Orgulho. Eu, contudo, tenho ido a quase todas as reuniões desde o primeiro ano, como a única Aliada com maiúscula do grupo. Ou *era*,

até o Otávio entrar no início deste ano letivo, depois de a Lili se ter assumido. Toda a gente no grupo perdeu a cabeça com o Otávio. *Rei consciente, irmão do ano*, etc. Acho que é um bocado engraçado. As pessoas continuam a parecer confusas sobre o porquê de eu lá estar.

Durante algum tempo, receei que não *devesse* lá estar. Passei semanas a ler todas as publicações de blogues e fóruns do Reddit que consegui encontrar sobre aliados e espaços seguros, e senti ser correto aparecer nas reuniões. Seria eu só mais uma rapariga heterossexual a invadir o território *queer*? Seria eu uma estranha, a sugar todo o oxigénio da sala? As conversas não ofereciam um consenso claro. Eu odiava-o — odiava a falta de certezas. Nunca consigo estabelecer-me mentalmente num espaço novo até conhecer todas as regras de envolvimento. O que é encorajado, o que é permitido — ou mesmo o que não é. Porque as restrições carregam o seu próprio nível de segurança.

Bem, eu sabia que, *tecnicamente*, podia lá estar. Pelo menos, de acordo com as diretrizes oficiais para grupos extracurriculares, tal como consta do manual do aluno da escola secundária de Penn Yan. E, é claro, sabia quão importante era para a Gretchen, tendo em conta tudo o que aconteceu no clube *queer* da sua escola antiga. Não que ela alguma vez o fosse admitir, mas acho que ambas sabemos que sou o seu apoio emocional hétero.

Às vezes, sinto-me um pouco indigna — demasiado normal, demasiado distintamente não-*queer*. Como quando a Gretchen me chama a mim e ao Otávio de «heteropótamos», ou quando as pessoas não conseguem sequer perguntar-nos as nossas preferências de comida sem dizerem que estão a «confirmar com os heterossexuais».

O telemóvel vibra com uma mensagem da Lili. *Estás aqui!!!!!! E eu estou a chegar!!! dá-me uns cinco minutos!!!!!!*

Por esta altura, a Gretchen e o Otávio já saíram do carro para se juntarem a nós. Abano a cabeça.

— A sério, isto já está acima e além…

— Caluda. — A Gretchen pega na minha mala e leva-a até ao limite do parque de estacionamento, seguida por todos nós. Quando chegamos a um passeio, ela para e examina o espaço: um pátio relvado escondido atrás de um conjunto de edifícios de tijolo. Ainda não há sinal

da Lili, o que não é assim tão surpreendente. A Lili está sempre «cinco minutos» atrasada, o que às vezes significa cinco minutos e outras vezes significa que acabou de acordar, ainda precisa de se vestir e *adorava* que isso demorasse apenas cinco minutos.

Um grupo de estudantes sai de um dos edifícios — com rostos brilhantes e agitados, prontos para o fim de semana. A Gretchen inclina-se, observando-os tão atentamente que quase espero que ela faça anotações. Talvez seja o que eu devia estar a fazer — a observar universitários reais no seu *habitat*.

Afinal de contas, em menos de seis meses, farei parte deles. Nesta mesma escola.

Essa parte ainda não parece real — embora, para ser franca, só tenha passado uma semana desde que aceitei a oferta de Blackwell. A Gretchen acha que estou a jogar demasiado pelo seguro, a ficar demasiado perto de casa — mas, assim que recebi o dinheiro da bolsa de estudo, não era realmente uma opção. A localização é apenas um bónus.

— Oh, oh, oh. — A Gretchen empurra-me para o lado, com os olhos ainda fixos em frente. — Encontrei um.

— Um quê?

— Um universitário.

— Os *campi* universitários costumam ter disso…

Ela ri-se.

— Refiro-me a um universitário *giro*. Uma brasa com um corpo perfeito.

— Não uma cabeça sem corpo. Percebido.

A Edith inclina-se, seguindo o olhar da Gretchen.

— Para onde estamos a olhar?

— Camisola cinzenta, chapéu branco. É a paixoneta da Imogen, nas férias da…

— Hum. O quê?

A Edith parece ficar encantada.

— Sabemos quem ele é?

— Claro que não.

— *Ainda* não, mas vamos saber! Vamos chamá-lo Bruce. Ou Bryce? — A Gretchen inclina a cabeça. — Bruce. Talvez… do segundo ano. E é de um sítio fixe.

O Otávio levanta os olhos do telemóvel.

— Quem é o Bruce?

— MAINE. Ele é do Maine.

Pestanejo.

— O Maine é fixe?

— E ele gosta de lagostas. Porque é do Maine. — A Gretchen encolhe os ombros. — Desculpa, é tudo o que sei sobre o Maine.

— Hum. Já acabámos?

— ESPERA. Não. Não. Espera. — A Gretchen pressiona as duas mãos nas bochechas. — Alvo novo. Está bem. Está bem, acabou de sair da segunda porta. Não é o gajo de barba. O de capuz verde, ao lado da rapariga…

— Melhor ainda. Um gajo com uma namorada.

— Uma namorada com uma corrente e um anel no polegar?

Mordo o lábio.

— Talvez?

— Ei, desculpa! Olá! Já cheguei! — A Lili para no passeio, com os ténis apenas metade calçados. Abraça-me, abraça a Edith, afaga o cabelo do Otávio, e depois abraça-o também. De seguida, vira-se com rigidez para a Gretchen.

— Olá.

— Olá. — A Gretchen acena com a cabeça.

A Lili bate palmas.

— Muito bem! Devíamos…

— Sim! Está bem. Vejo-vos em casa? — digo. — Gretch, a sério, obrigada pela boleia.

— Não há problema. Ei. — A Gretchen olha para mim. — Estás bem?

— Sim. Sim! Claro que sim.

A Lili revira os olhos e agarra na minha mala. A Gretchen abraça-me.

— Diz ao Bruce que mandamos cumprimentos, está bem?

— E nada de fio dentário — acrescenta a Edith, com a covinha a brilhar mesmo sendo o mais rápido dos sorrisos.

Tal como acontece comigo.

Mensagens com a Gretchen

GP: Muito bem, vamos embora!! Diverte-te!!!

GP: E tira muitas fotos com o teu homem!!!! 🦞 🦞 🦞

GP: Está bem, mas a sério, avisa-me se precisares de um resgate

GP: Posso voltar e apanhar-te, na boa

GP: Não me vou embora até amanhã de manhã

GP: De qualquer forma, amo-te, diverte-te na FACULDADE